

# A CONSTRUÇÃO DE DUPLO OBJETO EM PORTUGUÊS EUROPEU: UMA QUESTÃO EM ABERTO

Joana Carvalho(\*)

joanacarvalho21@gmail.com

FLUP / CLUP (PORTUGAL)

**RESUMO.** Em Inglês e em Português Europeu (PE) há duas ordens possíveis nas construções dativas: V – OD – OI e V – OI – OD. Mas existe uma grande diferença entre o Inglês e o PE. O Inglês é uma língua de alternância dativa: isso significa que tem uma Construção de Duplo Objeto (CDO) e uma Construção Dativa Preposicionada (CDP). O PE é uma língua de CDP. Nos últimos anos, vários estudos propõem, a partir da existência de clítico dativo, que o Português e outras línguas também têm uma CDO. No artigo argumentamos contra esta proposta e defenderemos que em PE a CDO não é possível.

**PALAVRAS-CHAVE.** Dativo; Construção Dativa Preposicionada; Construção de Duplo Objeto; Português Europeu; Romeno; Inglês.

**ABSTRACT.** In English and in European Portuguese (EP) there are two possible word orders for dative constructions: V – DO – IO or V – IO – DO. But there is a big difference between English and EP. English is a language with dative alternation, which means it has got a Double Object Construction (DOC) and a Prepositional Dative Construction (PDC). EP is definitely a language with a PDC. In recent years it has been discussed that the existence of a dative clitic is a plausible reason to assume that languages like EP have also got a DOC. In this article we will argue against this proposal and show that there isn't a DOC in EP.

**KEYWORDS.** Dative; Double Object Construction; Prepositional Dative Construction; European Portuguese; Romanian; English.

## 1 - Introdução

À partida a estrutura sintática dos verbos ditransitivos do tipo *dar* ou *oferecer* parece fácil de compreender, pois há um verbo (V) e dois complementos, tradicionalmente designados de Objeto direto (OD) e Objeto Indireto (OI).

---

\* Estudante do 3.º ano do Curso de Doutoramento em Linguística (FLUP).

A primeira questão surge quando percebemos que em Português Europeu (PE), assim como em outras línguas, há duas ordens de palavras com verbos deste tipo: V - OD - OI e V - OI - OD.

Existe ainda um outro problema. Em Inglês, assim como em outras línguas, a preposição que acompanha o Sintagma Nominal (SN) com a função de (OI) encontra-se ausente na ordem V - OI - OD. Este tipo de construção, denominada de Construção de Duplo Objeto (CDO), conduziu alguns autores, nos últimos anos, a propor que no PE e em línguas que possuem clíticos dativos, imediatamente após o V, estaríamos em presença de uma CDO. O nosso objetivo principal é demonstrar que em PE não há uma CDO nas construções dativas com clíticos.

Assim, as construções dativas originam algumas questões que serão tratadas neste artigo:

- (i) Todos os SNs OIs são argumentais?
- (ii) Qual a estrutura do SV com SN OD e SN OI?
- (iii) Qual o valor da preposição *a* em PE nestas construções?
- (iv) Que consequências resultam da presença/ausência da preposição nas construções dativas?

No ponto 2, através do recurso a alguns testes sintáticos, refletimos acerca da natureza da relação entre V e OI em PE nas construções ditransitivas. Como veremos, não poderíamos perceber esta relação sem estudar uma língua com alternância dativa (ponto 3). Por isso, selecionamos o Inglês, que comparamos com o PE, nos pontos seguintes, a fim de refletir acerca da existência ou não de alternância dativa na nossa língua.

Obviamente que este artigo estaria incompleto se não nos debruçássemos sobre alguns dos tratamentos sintáticos dos verbos ditransitivos desenvolvidos por autores como Baker (1988), Larson (1988), Marantz (1993) ou Pylkkänen (2000), que abordaremos no ponto 4.

O Romeno (ponto 5), língua da família das línguas românicas, parece ter uma CDO em alguns dos seus dialetos regionais. Por este motivo, tentamos estabelecer alguns pontos em comum com o PE em relação a este tipo de construções.

Finalmente, tentamos perceber a influência e o valor da preposição *a* quando presente/ausente com o SN OI nas construções dativas, comparando novamente o PE com o Inglês.

*2 - O objeto indireto: argumento ou não argumento de V?*

O dativo em PE surge com verbos ditransitivos, entre outros, e apresenta uma de três formas:

- V SN a + SN:

(1) Os rapazes pediram os apontamentos à *Luísa*.

- V a + SN SN:

(2) Os rapazes pediram à *Luísa* os apontamentos.

- V + *-lbe* + SN:

(3) Os rapazes pediram-*lbe* os apontamentos.

A determinação da condição de verdadeiro argumento de V ou de não argumento está dependente de alguns testes sintáticos como, por exemplo, a elipse.

Vejamos.

(4) O João enviou *uma carta ao Artur*.

(5) O João enviou *uma carta*.

(6)\* O João enviou *ao Artur*.

(7) O Raul ofereceu *o quadro ao Miguel*.

(8) O Raul ofereceu *o quadro*.

(9)\* O Raul ofereceu *ao Miguel*.

Nos exemplos (4) e (8) podemos omitir o constituinte OI, mantendo-se a gramaticalidade das frases. Pelo contrário, nas frases (6) e (9), ao fazer-se a elipse de OD, fora de um dado contexto, as frases ficam agramaticais. Este primeiro teste mostra que o OD é um argumento interno de V, mas, ao mesmo tempo, não nos permite afirmar com tanta certeza que o OI é um argumento interno de V. Portanto, torna-se necessário recorrer a outros testes sintáticos.

Utilizando o teste da pergunta/resposta com *fazer* obtemos um resultado que também não permite constatar se o OI é um argumento interno de V. Atenemos nos exemplos abaixo expostos.

(10) \*O que é que o João fez *ao Artur*? / Enviou uma carta.

(11) O que é que o João fez? Enviou *uma carta* [ao Artur].

(12) \*O que é que o Raul fez *ao Miguel*? / Ofereceu um quadro.

(13) O que é que o João fez? / Ofereceu *um quadro* [ao Miguel].

Em (10) e (13) a pergunta com o verbo *fazer* resulta agramatical se for seguida do Sintagma Preposicional (SPrep) OI. Por isso, este sintagma mostra ser argumento interno de V. Relativamente a (11) e a (13), ao elaborarmos a pergunta com *fazer*, a resposta não tem de conter o constituinte OI obrigatoriamente. Continua a ser evidente que apenas o OD parece ser um argumento obrigatório.

Quer dizer, o teste da pergunta/resposta com *fazer* mostra que o OI se comporta como um argumento verdadeiro com este tipo de verbos, mas o facto de a resposta não ter de conter necessariamente o OI levanta de novo a questão de se estamos ou não perante um argumento opcional.

O teste de retoma anafórica com as expressões *e... também* e *fazer o mesmo* faz-nos questionar a natureza argumental do OI, como se vê de (14) a (17).

- (14) O João enviou uma carta ao Artur e a Raquel *fez o mesmo*.
- (15) \* O João enviou uma carta ao Artur e a Raquel *fez o mesmo à Luísa*.
- (16) O João ofereceu um quadro ao Miguel e o Francisco *também*.
- (17) \* O João ofereceu um quadro ao Miguel e o Francisco *também à Cristina*.

O contraste entre a gramaticalidade de (14) e (16) e a agramaticalidade de (15) e (17) mostra que todo o constituinte SV, isto é V + OD + OI, é anaforizado pelas expressões em itálico, deixando supor que o OI nestas frases se comporta como um argumento verdadeiro.

Os testes sintáticos efetuados com verbos do tipo *dar*, *oferecer* e *enviar*, colocam-nos perante uma situação complexa, dado que:

- (i) em certos contextos (teste de retoma anafórica, testes de pergunta/resposta com *fazer*) o OI tem um comportamento de verdadeiro argumento.
- (ii) noutros contextos é facilmente suprimido (teste da elipse), não parecendo ser um argumento interno do V, evidenciando uma relação de dependência diferente daquela que o SN OD mantém com o V.

Este tipo de comportamento manifestado pelo OI relança para debate uma questão teórica importante em Sintaxe Generativa. Tendo em conta vários autores, em particular Larson (1988), considera-se que nenhum núcleo pode legitimar em simultâneo dois argumentos. Daí Larson (1988) ter proposto uma estrutura do SV mais hierarquizada, com várias camadas (cf. ponto seguinte).

Para melhor compreendermos os verbos ditransitivos, em termos sintáticos, vamos ver em que consiste a alternância dativa.

### 3 - A Alternância Dativa

O termo alternância dativa tem sido utilizado para designar a possibilidade da ocorrência, em algumas línguas, de duas construções que expressam dativo. Do grupo de línguas que exhibe alternância dativa selecionámos a língua inglesa para exemplificar este fenómeno.

Vejam os exemplos.

- (18) Sarah gave a present to Harry.  
 (19) Sarah gave Harry a present.

Como podemos ver, a alternância dativa, em Inglês, consiste na existência de dois tipos de construções: construção ditransitiva preposicionada (CDP), (18), e uma construção de duplo objeto (CDO), (19).

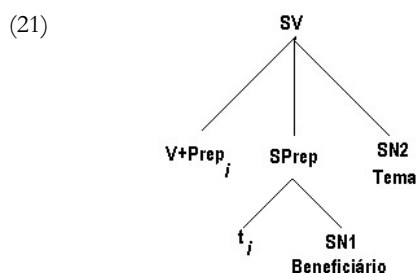
Na CDP o OI surge como um SPrep e, geralmente, após o OD. Por seu lado, a CDO apresenta um OI na forma de um sintagma nominal não preposicionado, anteposto a OD e imediatamente após o V.

A partir de (19), notamos que o constituinte que ocupa a posição pós-verbal tem a função sintática de OI mas não se encontra acompanhado de preposição; pelo contrário, em (18), quando ocupa a posição pós-SN, o OI é antecedido de preposição.

Baker (1988), ao estudar o fenómeno da CDO, defendeu a existência de uma preposição nula no OI que se agregaria a V, devido à adjacência entre o V e o OI. Para explicar melhor esta sua posição, o autor argumenta que a CDO do Inglês se assemelha às construções aplicativas das línguas Bantu. Nas línguas Bantu há um morfema explícito, denominado de aplicativo, que se adiciona ao V, aumentando o número dos seus argumentos. Na opinião do autor, este morfema aplicativo é uma espécie de preposição; ver (20), em que o morfema aplicativo é *-ír*:

- (20) Chitsiru          chi-na-gul-ír-a          atsíkána          mphâtso  
 louco    7S-Pass-comprar-*apl*-Vf (vogal final)    raparigas          presente  
 ‘O louco deu um presente às raparigas’

Em Inglês (19), um exemplo de CDO, teria a estrutura que se encontra em (21) para os dativos benefactivos, sendo a preposição absorvida pelo V, processo idêntico ao das línguas Bantu.

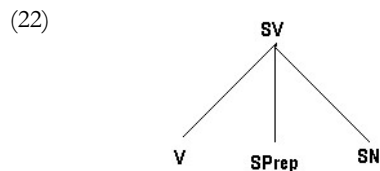


Este tipo de reflexão conduziu alguns autores, entre os quais Larson (1988), a argumentar a favor da derivação da CDO a partir da CDP, à semelhança do que se passa com as frases passivas; pois, apesar das funções sintáticas serem diferentes, os constituintes em causa conservam as suas relações temáticas.

No ponto seguinte, veremos como tem sido tratada a alternância dativa por diversos autores.

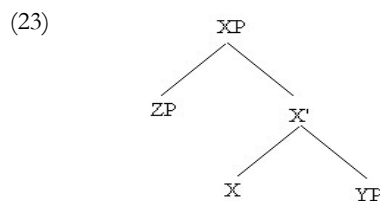
#### 4 - A Sintaxe do Dativo: algumas abordagens

Durante algum tempo a estrutura sintática de um V ditransitivo do tipo *dar* foi considerada uma estrutura tripartida (22).



Esta estrutura começa a ser questionada por várias razões. Por um lado, verificámos através de alguns testes sintáticos que OD e OI têm naturezas diferentes e não são selecionados pelo V do mesmo modo.

Por outro lado, se tivermos em linha de conta a teoria X-Barra, proposta por Chomsky (1981, 1995), entre outros, na qual todos os núcleos se ramificam numa estrutura binária (23), começamos a questionar a estrutura em (22).



Segundo Chomsky (1995: 248), na estrutura (23): «... há duas relações locais: a relação de especificador - núcleo, entre ZP e X, e a relação núcleo – complemento, entre X e YP.». Então, uma categoria XP contém um Especificador (simbolizado como ZP), um núcleo X e um complemento, identificado como YP.



Em Larson (1988), a elevação de OI para uma outra posição, apesar de alterar a estrutura sintática, não altera os papéis temáticos atribuídos aos diferentes sintagmas. Por isso, o SN com a função de OD será sempre Tema e o SPrep (ou SN) com a função de OI é sempre Beneficiário.

A adoção deste tipo de estruturas permite cumprir, de acordo com Larson (1988), dois princípios. Um deles é o princípio de marcação de caso. Para que haja atribuição de caso é necessário que os objetos estejam sob a regência de V. Tendo em conta isto, faz todo o sentido que haja uma posição vazia de V para o caso ser atribuído aos dois objetos e o V possa atribuir caso em momentos diferentes da derivação (ver a representação em 27).

O segundo princípio está ligado à *Hipótese da Uniformidade na Atribuição dos Papéis Temáticos* de Baker (1988:46).

«Relações temáticas idênticas são representadas por relações estruturais idênticas entre itens ao nível da Estrutura-D.» (Baker 1988:46).

De acordo com este princípio, são atribuídos os mesmos papéis temáticos às mesmas posições sintáticas em Estrutura-D. Daí Larson (1988) acreditar que estamos face a um processo semelhante ao da passivização, argumentando que a estrutura (27) é derivada a partir de (25).

No entanto, este tratamento coloca várias questões:

- (i) Como é que o verbo absorve a preposição na CDO?
- (ii) Por que razão o SN OD é especificador de SV2 em (25) e, em (27), é adjunto de V?  
Não deveria isto significar que V não atribui diretamente caso ao SN OD, uma vez que este ocupa uma posição de adjunto a V?
- (iii) Serão realmente as estruturas (25) e (27) derivadas uma da outra?
- (iv) Serão as duas construções absolutamente sinónimas em Inglês?

Relativamente à última questão, segundo Oehrle (1975), a CDO e a CDP não significam exatamente a mesma coisa. Oehrle observou exemplos como:

- (28) Ivan taught *Mary Russian*.  
'Ivan ensinou *Maria Russo*'
- (29) Ivan taught *Russian to Mary*.  
Ivan ensinou *Russo à Maria*'



Na opinião de Oehrle, apenas em (28), uma CDO, é que poderíamos afirmar que *Mary*, de facto, aprendeu a falar Russo, não se passando o mesmo em (29), a CDP. Na realidade, a única certeza em (29) é que *Mary* terá frequentado as aulas lecionadas por Ivan, sendo este o seu professor.

As repercussões desta proposta são óbvias se recuperarmos os exemplos (18) e (19). Assim sendo, no exemplo (18), na CDP, com os verbos do tipo *give* (*dar*), a leitura não confirma a presença de *Harry* no momento em que a prenda lhe foi entregue ou que esta lhe fosse efetivamente entregue. Pelo contrário, em (19), na CDO, na ausência da preposição, pressupomos não só que o beneficiário existe, como também que a prenda lhe foi entregue.

Isto significa que as alterações sintáticas (a suposta elevação de OI para uma outra posição e a elipse de preposição) têm implicações na leitura de cada uma das frases.

Por outro lado, a ausência de preposição faz com que seja possível passivizar o argumento com a função de OI:

- (30) Silas gave *her*/Mary a pen. (voz ativa)  
'Silas deu-lhe / Maria uma caneta'
- (31) *She*/ Mary was given a pen by Silas. (voz passiva)  
'Ela/ Maria foi dada uma caneta pelo Silas'

Com efeito, só uma língua que tem CDO apresenta a possibilidade de passivizar o argumento beneficiário na chamada *passiva dativa*

#### 4.2 - Marantz (1993) e Pylkkänen (2000): a proposta de nós aplicativos

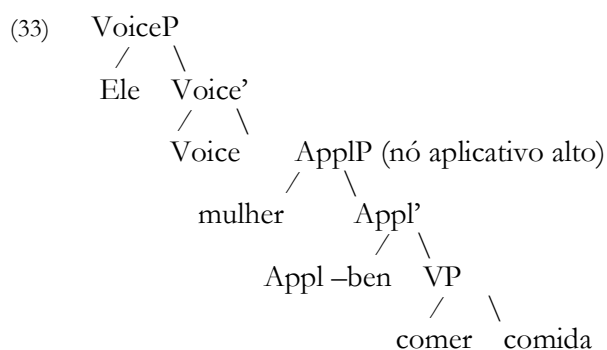
Marantz (1993:116) advoga a favor da hipótese de o OI em Inglês ser sempre um argumento que é incorporado ao V, não pertencendo propriamente à sua estrutura argumental.

Pylkkänen (2000:5), baseando-se em Baker (1988) e Marantz (1993), propõe a existência de dois tipos de construções aplicativos:

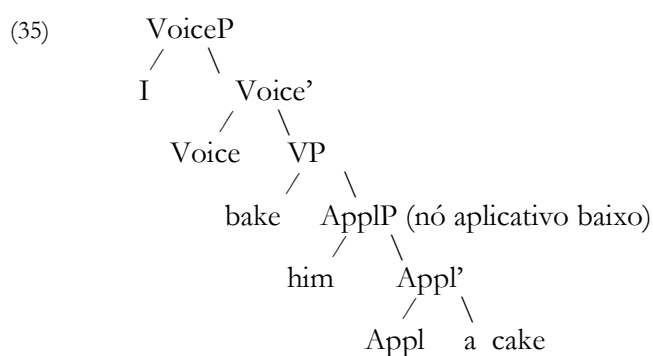
- (i) Aplicativos altos: Apl estabelece uma relação entre um evento e um indivíduo (línguas Bantu);
- (ii) Aplicativos baixos: Apl estabelece uma relação entre duas entidades (Inglês).

Assim, para as línguas Bantu a autora sugere uma estrutura como (33), com um nó aplicativo alto para a frase (32); e para o Inglês, língua de Aplicativo Baixo, a estrutura (35), para a frase (34).

- (32) N-á-y-lyi-í-à                      mkà              k-elyà  
Foc-sing-pres-come-apl-vf mulher      comida  
'Ele está a comer (comida) pela mulher'



(34) I baked *him* a cake.  
 Eu fiz *a ele* um bolo



Na hipótese de Pylkkänen, em ambas as estruturas sintáticas estamos perante um nó aplicativo, que surge nulo no Inglês (35), ou com um morfema *i* que introduz o OI (ou outros argumentos verbais) nas línguas Bantu (33).

Além disso, de acordo com a mesma autora, nestas construções é utilizado um VoiceP (Sintagma Voz), pois, segundo Kratzer (1996), esta projeção funcional introduz os argumentos externos.

##### 5 - O caso dativo em Romeno e a alternância Dativa

Antes de avançarmos para uma análise do PE, vejamos o caso do Romeno.

O Romeno, língua que pertence ao grupo das línguas românicas, apresenta quatro tipos de construções dativas, se bem que sujeitas a alguma variação dialectal: dativos morfológicos (36), dativos morfológicos com redobro de clítico (37), dativos preposicionais (38) e dativos preposicionais com redobro de clítico (39).

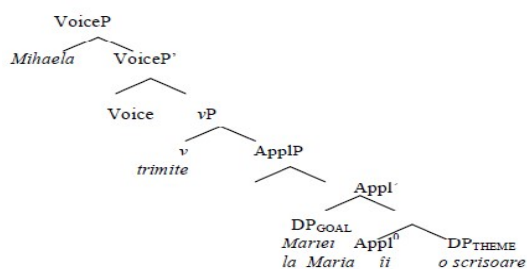
- (36) Mihaela trimite *Mariei* o scrisoare. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela envia *Maria+Dat* uma carta
- (37) a) Mihaela *îi* trimite *Mariei* o scrisoare. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela *Dat+Clítico* envia *Maria+Dat* uma carta.
- b) Mihaela *îi* trimite o scrisoare *Mariei*. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela *Dat+Clítico* envia uma carta *Maria+Dat*.
- (38) a) Mihaela trimite *la Maria* o scrisoare. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela envia *à Maria* uma carta.
- b) Mihaela trimite o scrisoare *la Maria*. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela envia uma carta *à Maria*.
- (39) a) Mihaela *îi* trimite *la Maria* o scrisoare. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela *Dat+Clítico* envia *à Maria* uma carta.
- b) Mihaela *îi* trimite o scrisoare *la Maria*. (Romeno, Diaconescu e Rivero 2005)  
 Mihaela *Dat+Clítico* envia uma carta *à Maria*.

O Romeno partilha com o Português as construções ilustradas em (36) e (38) mas diferem do Português por ter redobro do clítico sem SN marcado dativo, como em (37 a/b) e (39 a/b). Recorde-se que o Português apenas tem redobro do clítico com pronome (40).

- (40) Os rapazes pediram-lhes os apontamentos a eles.
- (41) \*Os rapazes pediram-lhes os apontamentos aos colegas.

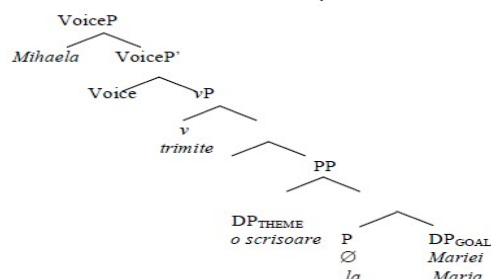
Diaconescu e Rivero (2005), ao analisarem os exemplos do Romeno, atribuem às construções de dativos morfológicos com redobro de clítico (37) e de dativos preposicionais com redobro de clítico (39) uma estrutura em conformidade com a proposta de Pylkkänen (2000) para as línguas de aplicativo baixo, como as construções de CDO em Inglês (42), devido ao facto de o argumento beneficiário com preposição nula estar anteposto ao SN OD.

- (42) Estrutura de CDO em Romeno



Nas construções em que temos dativos morfológicos (36) e dativos preposicionais (38), Diaconescu e Rivero (2005) apresentam a estrutura em (43), com um dativo baixo como em Inglês.

(43) Estrutura de Dativos Preposicionais em Romeno



As autoras consideram que, nas situações em que há redobro de clítico, há uma construção aplicativa em que o OI surge na posição de especificador de SApl; no núcleo Apl temos o clítico redobrado *îi* e o seu complemento é ocupado por SN.

Repare-se que nas construções em que não ocorre o redobro do clítico, embora exista um morfema dativo associado ao OI, como em (43), para as autoras não estaríamos em presença de uma CDO mas de uma construção dativa preposicionada, mesmo nos contextos em que se regista a ausência de preposição.

Consequentemente, nas construções de dativos preposicionais não existirá nenhum Sintagma Aplicativo. Em vez disso, temos um SPrep, com um SN em posição de especificador de SPrep. A preposição surge na posição de núcleo e o OI na posição de complemento.

Em suma, para Diaconescu e Rivero (2005), em Romeno, existe uma CDO nas construções com redobro de clítico. Nas construções aplicativas, o OD tema é complemento de núcleo de SApl (como descrito em 42), nas construções dativas preposicionadas, OI é sempre complemento do núcleo de SPrep (como vemos em 43).

Neste ponto do nosso artigo, vemos que as análises sintáticas apresentadas anteriormente nas secções 3 e 4 para explicar a existência de duas ordens nas construções dativas em Inglês e Romeno têm alguns pontos em comum:

- (44) numa construção de dativo preposicionado, o SN OI é sempre complemento do SX mais baixo da projeção verbal;
- (45) numa CDO, o SN OI é sempre especificador do SX mais baixo da projeção verbal.

A posição mais baixa ocupada pelo dativo em ambas as construções permite dar conta da atribuição de caso inerente feita pelo V ao SN beneficiário/OI com o auxílio da preposição.

#### 6 - O PE é uma língua de alternância dativa?

Morais e Salles (2010), baseando-se em autores como Cuervo (2003), para o Espanhol, e Diaconescu e Rivero (2005), para o Romeno, propõem que o PE pertence ao grupo das línguas com CDO. Tal como nessas línguas, para Morais e Salles (2010), o PE classifica-se como uma língua contendo um núcleo aplicativo baixo. O núcleo aplicativo baixo serviria para licenciar os SNs dativos beneficiários, uma vez que o verbo, sendo um núcleo, não pode atribuir caso inerente a dois argumentos, mas apenas a um.

Este seria o caso de frases como as presentes em (46) e (47):

(46) A Maria deu um livro *ao* Pedro.

(47) A Maria deu-*lhe* um livro.

Para as autoras, na frase (46), existe a possibilidade de duas leituras. Numa das leituras atribuídas subentende-se a existência de um contacto direto entre o agente *Maria* e o beneficiário *Pedro*. Neste caso o PE apresenta-se com uma CDO, pois a preposição *a* funciona como marcadora de caso dativo, considerando-se que os dativos deste tipo são SNs. O mesmo se passa em (47) onde há um clítico dativo e não existe qualquer preposição.

Pelo contrário, numa segunda leitura, a preposição *a* pode ter o sentido de *para* como forma de indicar que o *Pedro* não recebeu das mãos de *Maria* o livro, como em (48).

(48) A Maria deu um livro *a / para* o Pedro.

Deste modo, o exemplo (48) tem um significado direcional, o OI realiza-se sintaticamente como um verdadeiro SPrep e a construção é uma CDP.

Quer dizer, para estas autoras, o PE teria não uma mas duas construções com significados ligeiramente distintos, sendo uma representativa da CDO e outra representativa da CDP.

Contudo, contrariamente ao que estas autoras afirmam, as construções V OD OI com *a* têm uma única interpretação (Brito 2009, 2010). Por outro lado, o PE, ao contrário do Inglês ou do Romeno, não tem o mesmo tipo de comportamento em relação ao OI.

Atentemos nos exemplos:

- (49) O rapaz deu um rebuçado *à amiga*.
- (50) O rapaz deu *à amiga* um rebuçado.
- (51) O rapaz deu-*lhe* um rebuçado.
- (52) O rapaz não *lhe* deu um rebuçado.
- (53) O rapaz deu-*lhe* um rebuçado *a ela*.

Vemos que no PE o OI preposicionado pode surgir na posição mais baixa (49) ou numa posição intermédia antes de OD (50). A preposição aparece para marcar caso dativo e atribuir, em conjunto com V, o papel temático de beneficiário ao OI.

Além disso, o PE tem clítico dativo que ocupa uma posição enclítica (51) ou proclítica (52), dependendo do contexto. Também podemos verificar que o PE tem redobro do clítico (53).

Já no Inglês, ao emergir numa posição mais elevada, o OI (54), com verbos do tipo *give* (dar), não apresenta qualquer preposição - temos, portanto, uma CDO.

Na CDO, em Inglês, podemos passivizar o OI dativo, não acontecendo o mesmo em PE (54-57, 56b).

- (54) Carla gave *Robert* some books.  
(a) Robert was given some books by Carla.
- (55) Carla gave some books to Robert.  
(a) Some books were given to Robert by Carla.
- (56) A Francisca deu ao Rafael alguns livros.  
(a) Ao Rafael foram dados alguns livros pela Francisca.  
(b) \*O Rafael foi dado alguns livros pela Francisca.
- (57) A Francisca deu alguns livros ao Rafael.  
(a) Alguns livros foram dados pela Francisca ao Rafael.

Como se vê nos exemplos, nas passivas dativas não preposicionadas do Inglês, o dativo é um sujeito (54 a), tal como o OD Tema em (55 a). A concordância mostra que ambos os argumentos de um verbo ditransitivo do tipo *give* (dar) podem ser sujeitos de uma frase passiva em Inglês. A absorção da preposição pelo V na CDO em Inglês mostra que, ao fazer-se a transformação de uma frase ativa para a voz passiva, o OI que estabelece uma relação estrutural com V comporta-se como se fosse um argumento.

Em PE (56 a), o OI Beneficiário nunca se pode transformar no sujeito da frase passiva (56 b). Em (57 a), o Tema será o sujeito da passiva, mas o OI mantém a mesma função sintática que tinha na ativa.

Através dos exemplos (56) e (57), vemos que, em PE, só o Tema pode ser sujeito da voz passiva e o OI não tem a capacidade de exercer essa função sintática. Essa incapacidade resulta, em definitivo, da presença da preposição.

Pensemos agora na construção dativa em PE de V + *-lbe* + SN (58):

(58) A Maria deu-*lbe* uma pulseira.

Em (58) teremos uma CDO? Se aplicarmos o teste da passiva a (58), obtemos (59), que é agramatical.

(59) \*Ela foi dada uma pulseira pela Maria.

Isto contrasta com o que se passa em Inglês (60) e (61):

(60) Mary gave *her* a bracelet.

(61) *She* was given a bracelet by Mary.

(62) My parents gave *me* a ring.

(63) *I* was given a ring by my parents.

Independentemente de *-lbe* ser um clítico em PE, verificamos que em (58) a forma dativa nunca poderá ser sujeito de uma frase passiva, acontecendo o oposto em Inglês, em que o pronome *she* (61), ou mesmo *I* (63), se apresentam como sujeitos da voz passiva.

Por outro lado, o PE distingue-se do Inglês porque possui clíticos e existe a possibilidade de redobro do clítico na voz ativa com a presença da preposição *a* (64-66).

(64) O pai deu-*lbe* uma prenda *a ele*.

(65) O pai ofereceu-*lbe a ele* uma prenda

(66) O pai *a ele* ofereceu-*lbe* uma prenda.

Chegados a este ponto, parece-nos pertinente questionar novamente o papel da preposição em PE e no OI.

Segundo Campos e Xavier (1991), as preposições apresentam várias diferenças entre si, podendo ser organizadas em grupos: verdadeiras preposições e preposições dependentes. Isto mostra que há preposições que antecipam a presença de um argumento obrigatório, por si selecionado, tendo uma grelha temática própria.

Vejamos o exemplo:

(67) O homem foi morto com \_\_\_\_\_.

Como completariamos este exemplo? O SN que surgir agregado a esta preposição terá a função temática de instrumento (cf. *O homem foi morto com uma pistola*, por exemplo). Neste caso, a preposição delimita os traços semânticos do SN complemento, o mesmo não se passando em relação ao verbo.

Observemos agora a passiva:

- (68) O homem foi morto.
- (69) O homem foi morto ontem.

Os exemplos (68) e (69) mostram que não é o verbo que exige diretamente o SPrep Agente, mas o particípio passado passivo correspondente, isto é, a grelha temática de verbos do tipo *matar* tem marcada um argumento agente que pode ou não realizar-se.

Tal como dissemos anteriormente, existem outras preposições que são dependentes de outros elementos da frase. O dativo em PE e em outras línguas, quando se apresenta sob a forma de um SPrep, é precisamente um desses casos. A preposição é introduzida, em algum ponto da estrutura sintática e possui um valor defetivo, sendo a sua função a de legitimar o caso do SN argumento, neste caso dativo. A preposição tem ainda uma outra função, a de atribuir ao SN um papel temático, já que o verbo não o consegue fazer diretamente.

Na literatura existem vários testes que tentam demonstrar o valor defetivo da preposição *a* como marcadora de caso. Entre os testes mencionados em Brito (2009), selecionamos o teste da coordenação, (70) e (71).

- (70) O pai ofereceu um carro novo *ao seu filho mais velho e ao seu filho mais novo*.
- (71) \*O pai ofereceu um carro novo *ao seu filho mais velho e seu filho mais novo*.

Partindo dos exemplos (70) e (71) podemos verificar que, na coordenação de dois objetos indiretos, a preposição tem de estar sempre presente. Quando não está, a frase torna-se agramatical, revelando-se impossível atribuir caso ao segundo SN, *seu filho mais novo*.

Repare-se que o clítico dativo, *-lhe*, forma fraca do pronome pessoal, ao juntar-se ao verbo, indica a existência de um OI dativo. O pronome pessoal *ele*, forma forte, se estiver em redobro não marca caso, sendo obrigatória a presença da preposição (cf. 70). Sem a preposição, a forma forte do pronome pessoal *ele*, coincide com a forma de Nominativo, o que entraria em conflito com a existência do argumento externo do verbo *oferecer* na frase (71).



Portanto, existem argumentos que mostram o valor *defetivo* da preposição *a* como preposição de dativo.

Em síntese, propomos que o PE não é uma língua de CDO, como o Inglês, dadas as diferenças registadas. O PE é uma língua com uma CDP com verbos do tipo *dar*, sendo a preposição *a* a expressão de caso dativo; por outro lado, o PE pode ter a expressão do dativo efetuada por meio de clíticos.

## 7 - Conclusão

Ao analisar as construções dativas em PE e em Inglês, constatámos que a preposição *a* não é uma preposição plena e funciona como marcadora de caso dativo na nossa língua, a tal ponto que nos casos de redobro de clítico a sua presença é obrigatória.

Dentro desta análise, vimos que num contexto V – OI – OD em PE a presença da preposição continua a ser obrigatória, mas em Inglês o seu aparecimento tornaria a frase agramatical. A presença da preposição em PE impede que o OI dativo possa ser sujeito de uma frase passiva em PE.

Os testes sintáticos como o da passiva, da concordância, da deslocação e da elipse demonstraram que o Inglês se comporta de modo diferente em relação ao PE. Isto levou-nos a propor que o PE é uma língua de construção dativa preposicionada (CDP) e que nem no caso de redobro do clítico teremos a possibilidade de uma CDO.

Concluindo, o PE não se apresenta como uma língua de alternância dativa, nem como uma língua de CDO (Brito 2009, 2010). O Inglês, pelo contrário, poderá ser uma língua de aplicativo baixo, como diz Pylkkänen (2000), com CDO e com possibilidade de passivas dativas.

Agradeço à Professora Doutora Ana Maria Barros de Brito as sugestões, os comentários e os artigos cedidos para a elaboração deste trabalho.

## Referências

- Baker, M. 1988. *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University Chicago Press.
- Brito, Ana Maria. 2009. Construções de objecto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-constructivista. In *Actas do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 141-159

- Brito, Ana Maria. 2010. Do European Portuguese and Spanish have the Double Object Construction? In Comisión Organizadora del VEGG (orgs.) *ENCUENTROGG. V Encuentro de Gramática Generativa*. CDRom, pp. 81-114.
- Campos, Maria Henriqueta; Xavier, Maria Francisca. 1991. *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, Noam. 1995. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho.
- Cuervo, Maria Cristina. 2010. Against Ditransitivity. *Probus* 22, pp.151-180.
- Demonte, Violeta. 1995. Dative Alternation in Spanish. *Probus* 7, pp.5-30.
- Diaconescu, Rodica Constanta; Rivero, Maria Luísa. 2005. An applicative analysis of double constructions in Romanian. In *Actes du Congrès annuel de l'Association Canadienne de Linguistique*, pp.1-11.
- Larson, Richard. 1988. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19, pp.335-391.
- Marantz A. 1993. Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In Mchombo, S. A. (org.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, vol. 1. Stanford: CSLI Publications, pp.113-150.
- Oehrle, R. 1976. *The grammatical status of the English Dative Alternation*. Ph.D. Diss., MIT.
- Pylkkänen, L. 2000. What applicative heads apply to. In Minnick, M.A. Williams; E. Kaiser (eds.), *Proceedings of the 24<sup>th</sup> Annual Penn Linguistics Colloquium*. UPenn Working Papers in Linguistics, Volume 6.4, pp.1-13.
- Torres Morais, Maria Aparecida; Lima Salles, Heloisa Maria. 2010. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus* 22, pp.181-209.